

A PERCEÇÃO DO BELO POR MEIO DA TANATOLOGIA NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA” DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO¹

Sofia Negromonte Neves²

RESUMO: O presente trabalho busca entender o Belo por meio do discurso tanatográfico presente na obra *Morte e vida Severina: Auto de Natal pernambucano* (1955) do autor pernambucano João Cabral de Melo Neto, tendo em foco os estudos sobre tanatografia e literatura do professor Augusto Rodrigues Silva Júnior (2014). Para tanto, se fez necessário levar em consideração aspectos quanto à forma da obra, tais como o gênero teatral Auto, o fato de ser um poema dramático e ainda sua ligação com poemas líricos da Grécia Antiga. Quanto à conceituação do Belo, buscou-se apoio por meio das obras nietzschianas como *Crepúsculo dos ídolos* (2017) e *A Visão dionisíaca do mundo* (2005) para que seja possível, então, expor a grande importância dessa obra de Cabral não só literariamente, mas também como fonte de impacto social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Tanatologia; Estética.

RESUMEN/ABSTRACT: Este trabajo busca comprender lo Bello a través del discurso tanatográfico presente en la obra *Morte e vida Severina: Auto de Natal pernambucano* (1955) del autor pernambucano João Cabral de Melo Neto, centrándose en los estudios sobre tanatografía y literatura del profesor Augusto Rodrigues Silva Júnior. Para ello, fue necesario tener en cuenta aspectos de la forma de la obra, como el género Auto, el hecho de que se trate de un poema dramático y también su conexión con los poemas líricos de la Antigua Grecia. En cuanto a la conceptualización de lo Bello a través de obras nietzscheanas como *El crepúsculo de los ídolos* y *La visión dionisíaca del mundo*, es posible entonces exponer la gran importancia de esta obra no sólo literariamente sino también como fuente de impacto social.

PALABRAS CLAVE/KEYWORDS: Literatura; Tanatología; Estética.

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Prof. Renata Pimentel. E-mail: renatapimentelufrpe@gmail.com

² Graduando(a) em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: sofiated11@gmail.com

1. Considerações iniciais

A obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, é amplamente discutida e estudada tanto em espaços escolares quanto na academia; a maneira como o autor trabalha a realidade do sertão nordestino é um aspecto fundamental na maioria desses estudos e, também, para que seja possível transpassar o caráter tanatográfico dessa obra, ou seja, uma escrita de morte, visto que a morte, bem como o próprio Severino - personagem, é uma alegoria/ um tema central deste poema. O subtítulo dessa obra é “Auto de natal pernambucano”, visto que ela compartilha algumas semelhanças com o nascimento de Jesus Cristo. Dessa forma, a vida (o nascimento) e a morte são temas principais no poema. A morte se faz presente logo no início do Auto, quando Severino fala que:

morremos de morte igual,/ mesma morte severina:/ que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte / de fome um pouco por dia / (de fraqueza e de doença / é que a morte severina / ataca em qualquer idade, / e até gente não nascida). (MELO NETO, 2016, p. 20)

Ao fazerem uso do gênero Auto - que remonta ao gênero literário medieval com intenção moralizante, sobretudo no Teatro da Catequese no século XVI e que, no decorrer dos anos, é usado na produção latinoamericana - autores, como João Cabral, buscam, segundo Queiroz, retomar em suas obras:

[...] os temas das relações entre o cotidiano e a sacralidade mágica que atinam para as realidades de populações vivendo ao deus-dará, submetidas à subserviência de uma feudalidade não institucionalizada, mas plenamente formalizada no imaginário do encontro cotidiano entre os filhos de algo e os deserdados do mundo. (QUEIROZ, 1998, p.13)

Esse plano feudal moderno pode ser visto em *Morte e Vida Severina* por meio do modo como o povo do sertão é explorado - deserdado do mundo, ainda mais em um ambiente inóspito em que a vegetação é quase inexistente em virtude da seca e por isso as pessoas são como Severino, só pele e osso. Devido a essa dificuldade de se fazer sobreviver num local como esse, o retirante Severino busca escapar dessa realidade cujo fim é uma morte inevitável e dolorosamente anunciada, ao fazer a peregrinação para a capital.

Ao chegar ao Recife, Severino, após ouvir a conversa entre dois coveiros, compreende que “nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o sertão, meu próprio enterro eu seguia.” (MELO NETO, 2016, p.51), pois, mesmo no litoral, a

morte continua por perseguir pessoas de vida Severina. Até que, pela primeira vez em toda sua jornada, Severino se depara com a vida, ao presenciar, na beira de um mangue, um nascimento. A escolha do local não foi por acaso, o mangue é uma vegetação de extrema importância para diversas espécies animais, sendo considerado um berço da biodiversidade, ele representa o ciclo da vida, é onde a morte nutre a vida, apesar disso, a beira do mangue é considerada por muitos como um local infeliz para um nascimento, algo de fato feio, mas João Cabral demonstra como essa realidade de muitos pode ser considerada algo Belo.

Como é possível representar, por meio da arte literária, uma realidade tão sofrida e deprimente, sendo capaz de transmitir o Belo? Belo entendido aqui como a estética, ramo da filosofia que discute e investiga as formas de manifestação do real transformado pelas linguagens artísticas e que fornece uma experiência de apreciação filosófico-sensorial ao humano, segundo Nietzsche (1990).

O que pretendemos trabalhar é justamente como o conceito de Belo opera nesta obra cabralina, ao fazer uma análise por meio do discurso de morte e desta alegoria presente na obra, com apoio, sobretudo, nos estudos do professor Augusto Rodrigues Silva Júnior (2014). Para realizar tal feito será preciso discorrer sobre o gênero em que se configura esta obra: poema dramático, em sua configuração de auto, bem como, neste poema em específico, sua grande difusão por meio do teatro e a ligação com os primeiros poemas líricos ainda na Grécia antiga e, a partir daí, buscaremos conceituar o Belo bebendo na fonte nietzschiana encontrada em *A visão Dionisíaca do mundo* (2005) e *Crepúsculo dos ídolos* (2017) para, então, revelar o seu resultado estético e sua importância como obra literária no contexto da literatura brasileira.

2. Sobre o Auto e Morte e Vida Severina

O gênero auto se desenvolveu por meio da absorção das peças teatrais clérigas do período medieval pelo povo que, como disse Berthold (2003, p.235), “com a expansão dos idiomas vernáculos, o caráter dogmático das peças foi gradualmente perdendo terreno para cenas populares, centradas na manjedoura e no Menino no berço, conforme sobrevivem até hoje em canções e costumes locais.”. Outro fator que impulsionou a tomada da dramaturgia pelas massas foram as

invasões bárbaras, visto que estas impulsionaram a Igreja a paganizar-se a fim de conseguir continuar propagando seus ideais cristãos à população.

Devido à falta de conceitualização das peças teatrais no século XVI, o que gerou um cruzamento dos temas e das estruturas, a definição de auto se tornou confusa, tanto que este acabou sendo um termo usado de maneira genérica na Península Ibérica para qualquer obra dramática realizada em atos. Contudo, uma definição e classificação mais completa é a de Rosângela Silva, que entende os autos como

obras destinadas à difusão dos preceitos cristãos, com fins doutrinários e, também, servem à expressão lúdica. Indistintamente, as peças contêm: o metro curto, a alegoria, os tipos e gestos sociais das personagens, ruptura das três unidades actanciais, paralelismos, repetições, provérbios, linguagem mista, trechos bíblicos, cantigas, vilancetes etc., temas cotidianos ligados ao mundo terreno e aos mistérios do mundo espiritual. (2020, p.73)

Partindo desse contexto de mudanças literárias do medievo, o escritor português Gil Vicente toma esses estilos já existentes no contexto ibérico - os sermões, os arremedilhos e etc, mais especificamente a fonte pastoril salmantina³³, para a construção de um auto, como conhecemos hoje, o *Auto da Visitação*. Por meio de Gil Vicente os autos foram se popularizando e, como outros artistas ibéricos, João Cabral irá acabar bebendo da fonte vicentina ao criar *um auto de natal Pernambucano*, que recebeu por fim o título *Morte e Vida Severina*.

Como mencionado, um dos principais e mais recorrentes temas nas peças teatrais advindas do teatro clerical foi o do nascimento de Jesus, assim como em *Morte e Vida Severina*. A personagem Severino, desde seu momento introdutório, faz referência ao seu batismo, por afirmar que “- o meu nome é Severino/não tenho outro de pia” (p.19), deixando clara, desde as primeiras linhas do poema, a dicotomia que será presente durante toda a obra: o começo e o fim da vida. Nesse trecho é possível observar, por meio do sacramento, a ideia implícita de que o pecador terá a ressurreição logo após sua morte, fato que ressalta ainda mais a presença dos ideais cristãos e da representatividade da vida e da morte.

Como observa Silva (2020), os nomes dos pais de Severino, Maria e Zacarias, também carregam forte simbologia cristã, que acaba por já deixar implícito

³ Adjetivo: relativo ou pertencente à cidade espanhola de Salamanca.

que haverá o nascimento de um Messias e que Severino será o encarregado divino que deverá divulgar sua chegada, contudo, devido à sufocante e onisciente presença da Morte durante esse êxodo do sertão seguindo o curso do rio Capibaribe, ele não parece notar o real motivo de sua jornada, chegando até a considerar a morte como a saída dessa jornada de tribulações. Só no momento em que Severino chega ao local de encontro do rio com o mar, em um dos cais do Capibaribe, ao presenciar o nascimento do filho do Seu José, mestre Carpina, ele tem o momento de realização de que a vida se torna mais forte do que a morte.

Apesar de parecer que é função de Severino - a personagem, anunciar a chegada do messias nordestino, o discurso profético e libertador não é algo individual e sim da coletividade severina, pois, mesmo se tratando de uma só personagem, ele é a representação de todo um coletivo nordestino de pessoas que são iguais em tudo na vida, morrem de morte igual, a morte severina.

3. O discurso da morte severina e o Belo

A morte severina é o que move toda a trama. A personagem Severino é escrita como representante de todos os nordestinos, sendo uma espécie de herói desse poema. Devido à maneira como a obra foi construída - em se tratando da jornada cheia de dificuldades empreendida por Severino, assim como por diversos outros retirantes -, acaba por servir como um porta-voz de toda uma população.

Sendo assim, pode-se interpretar a obra levando em consideração algumas características de uma poesia épica, visto que consiste em um poema longo com o uso majoritário do verso heptassílabo, outras poesias clássicas trazem a mesma questão de serem poemas longos, como as grandes epopeias clássicas escritas em Portugal, como *Os Lusíadas* (Camões, 1572), ou ainda as epopeias originais do período greco-romano: *A Ilíada* e *A Odisseia* (ambas de Homero, por volta do século VIII a. C.). Assim como nas epopeias, em que há um herói que representa os valores principais da sociedade na qual está inserido, em *Morte e Vida Severina* tem-se a figura de Severino.

Considera-se, então, Severino como um canalizador das vozes da comunidade em que está inserido. A obra traz ainda os valores que a sociedade tem como mais importantes e os associa à temática principal da obra: a maneira como a população interiorana/ sertaneja/ rural convive, ainda mais que outros grupos, com a presença incessante da morte durante toda sua vida. Essa realidade em que

Severino e seus iguais estão inseridos não é a realidade que muitos querem ver, não é algo agradável ao espectador, não é algo comumente considerado como Belo.

Mas, primeiramente, o que vem a ser esse Belo? Diversos autores buscaram definir e caracterizar o Belo; para Platão, por exemplo, o belo verdadeiro seria uma ideia correlativa à do bem, existindo em um mundo à parte da nossa percepção; já Hegel (1999) entende que só se pode falar de beleza quando se tratar tanto de algo que, além de precisar ser sensível, for objeto do ato da criação humana; enquanto, para Nietzsche, o Belo precisa ser compreendido dentre duas acepções: o Belo apolíneo ou o Belo dionisíaco. Seguindo esse raciocínio, o que seria popularmente conhecido como Belo estaria intrinsecamente ligado ao belo apolíneo, como disse Machado, a:

beleza é calma, jovialidade, serenidade, sábia tranquilidade, limitação mensurada, liberdade com relação às emoções. Apolo, deus da bela aparência, é também a divindade ética da medida e dos justos limites (MACHADO, 2006, p. 209).

Contrariamente, a beleza dionisíaca estaria mais para o momento de embriaguez, um momento em que se estaria fora de si, quando o lado subjetivo do ser desapareceria e algo mais natural-universal iria vir à tona (Nietzsche, 2005 ,p.8).

Como é possível perceber, pela denominação do Belo trabalhada por Nietzsche trazendo deuses gregos, a concepção de beleza é trabalhada desde a época antiga. Naquele período, os deuses, por exemplo, os greco-romanos, eram imagens feitas à semelhança dos homens. Eles carregavam dentro de si paixões, pensamentos, temperamentos e ainda a forma humana em si. A busca pelo alcance da estética por meio da beleza se daria pelo equilíbrio. Entre o divino e o mundano, há uma separação, e a arte surge justamente como a maneira para se estreitar e se poder caminhar entre estes dois mundos. A arte conseguiria, por meio do equilíbrio e rigor estético, por meio do Belo apolíneo, igualar o homem aos deuses. Sobre este ponto Nietzsche, em *Crepúsculo do ídolos*, diz que

No belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição [...] adora nele a si mesmo [...] No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo o que lhe devolve a imagem [...] o feio é entendido como sinal e sintoma da degenerescência [...] Cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço [...] tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor 'feio'. (NIETZSCHE, 2017, p.28)

Assim como a sociedade em si, as concepções e ideais são transformados com o passar do tempo. Nos tempos atuais, a sociedade moldou mais uma nova concepção do que deve ser reconhecido como belo e o que deve ser considerado feio, até mesmo no plano banal e cotidiano da cultura. Contudo, esse controle de julgamento não é ditado por qualquer pessoa. Dentro da sociedade existem diversas relações de poder que privilegiam uma minoria, e ela é justamente a que define o padrão a ser seguido. Se antes era atribuído aos deuses traçar o que devia ser almejado, agora é a realidade dessa minoria; ou seja, o que é belo é ditado e moldado à imagem dessas pessoas que compõem uma elite.

Severino, por exemplo, um homem do sertão, como tantos outros, magérrimo ao ponto de ser ossudo devido à falta de comida; ou seja, ele apresenta todos esses indícios de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço; ele não se encaixa no que a sociedade definiu como Belo. Reiterando, o Belo é aquilo que é agradável a quem o vê, enquanto o feio é um reflexo da degeneração do homem, em seu aspecto mais horrendo e miserável possível.

Dessa forma, a beleza define-se tanto por ser uma questão advinda do discurso ditado da sociedade, em especial pelos que são considerados padrões, e reproduzidos pelas massas. Essa definição se dá através de discursos normativos, sim, mas também pelo lado da vivência pessoal, as nossas escolhas e experiências são amplamente levadas em consideração (Oliveira, 2001, p.183), talvez seja por isso que, mesmo a sociedade já tendo definido que uma vida Severina é intrinsecamente feia, João Cabral, por meio de sua experiência e visão subjetiva, a considerou bela, como forma de subverter o real na criação poética que leva à visão crítica/ social/ política sobre a vida.

Retomando-se a proposição nietzschiana, os conceitos de belo apolíneo e dionisíacos são opostos. Apolo era comumente associado com a racionalidade, afinal ele é o deus da bela aparência, é também a divindade ética da medida e dos justos limites. Já Dionísio seria o deus do êxtase, do irracional, do inconsciente, mas este inconsciente

mesmo que aparentemente inominado à consciência, possui uma beleza indescritível, pois guarda todas as nossas experiências extemporâneas que algumas vezes, e sempre, escapam para o consciente através de sintomas, dos atos falhos, dos sonhos e dos chistes. (Santos, 2013, p.139)

Esses aspectos e suas possíveis interpretações dependem totalmente do uso feito pela pessoa que os emprega, ou seja, se um autor, como João Cabral de Melo Neto, vem empregar aspectos dionisíacos e/ou apolíneos, ele os molda a sua visão de mundo. João Cabral, sendo um autor pernambucano - que conhece a realidade do povo nordestino -, trabalha ainda com o “estado mineral da palavra”, como aponta Pimentel (2020) em artigo homônimo. Cabral vê autores como seres criadores de toda uma mitologia e suas leis, onde cada poema, cada palavra é como uma pedra que está sendo esculpida. A pedra é entendida aqui como a pedagogia, que deve ser atingida, sendo ela o ápice da objetividade no fazer poético. Nesse sentido as palavras, o poema, não são nunca capazes de permitir o vago (segundo o próprio Cabral). Dessa forma, cada parte, cada momento de um poema, em ambos os seus lados – estético e intelectual - se apresenta de modo concreto. Na prática isso é visto com as diversas afirmações feitas dentro do poema acerca da realidade da morte severina, que não é um mal pessoal, e sim social, como será explicitado mais à frente.

Para Cabral a poesia é “uma máquina de comover”, vendo que ela é fruto de um labor intelectual muito bem programado e planejado pelo autor, advinda de uma compreensão de que, na mesma proporção do sujeito-autor, o poema é um ser vivo, bem como ele é um incitamento da própria vida, pois “trata-se de uma visão da realidade que constantemente anuncia a condição humana em suas potências e contradições, em sua complexidade.” (Pimentel, 2020, p.220). E uma das características que faz de um humano ser o que é a sua finitude. Daí vem, desde os primórdios, a necessidade de se contar e registrar histórias.

Desde o começo se fez necessário haver o registro da vida como forma de lidar com o grande inevitável, “a única maneira de enfrentar o trespasse, e não exatamente vencê-lo, é o discurso” (Júnior, 2014, p.42). O uso da tanatologia dentro de *Morte e Vida Severina* é justamente o clamor, não só de uma pessoa que está aflita com a iminência da morte, mas sim de todo um grupo de pessoas que acabam sendo particularmente afetadas pela morte, a ponto de poderem nomeá-la assim como a si mesmos: a Morte Severina.

Dessa forma, ao analisar o poema, obtém-se justamente o que Silva Júnior define como o grande objetivo do discurso tanatográfico:

Mesmo que o homem pense mais na morte e descubra novas formas de linguagem, novas formas de representar, suas respostas estão voltadas para a vida. A própria ideia de morte é resposta para o peso da insustentável leveza da vida. Para a investigação, a transformação e a construção de sentidos, também chamados de respostas, onde encontrar sabedoria? Na volta bio/tanatográfica e ao se perguntar como se deu o tempo de minha vida, os meus modos de morrer e os dos outros, o desejo de mais viver e como sobreviver à morte senão pelo discurso. Desta representação literária extrai-se uma sabedoria. (Silva Júnior, 2011, p.46)

Há um trecho no poema que trata da conversa entre dois coveiros, que discutem como nas “avenidas do centro” não se encontra muito serviço dentro dos cemitérios, afinal é o bairro dos políticos e dos banqueiros, pessoas que definitivamente não levam uma vida assombrada pela morte, como a dos as pessoas de vida severina. Mas, já Casa Amarela “está decidida a mudar-se / toda para debaixo da terra” (2016, p.44), visto que essas pessoas também sofrem com a morte da mesma forma que os severinos. Esse trecho deixa claro mais uma vez a função de manutenção da desigualdade social. Por meio da característica concreta da poesia, Cabral deixa claro que dentro do contexto nordestino não tem a mesma relação com a morte.

É no encontro de Severino com o mestre Carpina, que o discurso da morte se mistura com o discurso da vida, fazendo jus ao título inicial da obra como um “Auto de Natal pernambucano”.

4. Análise da obra

Morte e Vida Severina é um poema dramático, ou seja, como dito, relata a história do êxodo de um retirante, Severino, que, como tantos outros, passou por diversos momentos durante sua migração ao lado do rio Capibaribe. Além de trazer as características de um auto, Cabral trabalha ainda a questão de que, a seu ver, a poesia está para uma pedra sendo encravada, ou seja, atinge o estado mineral da palavra, segundo o próprio autor:

(...) o conjunto de minha poesia é mais simples que a poesia popular, sem rimas; minhas estrofes são mais curtas, porque não quero “distrair” o leitor, mas, em se tratando de uma obra que pretende contar o povo e se contar para o povo [Morte e vida severina], eu deveria utilizar a forma mais adequada, que é o metro popular do romancero, sempre vivo. É a nossa sorte: nós, artistas de tradição ibérica, podemos recorrer a esta mistura de popular e erudito, que vem das fontes. (Athayde, 1998, p. 23).

Nada mais justo do que Cabral juntar um gênero cronologicamente mais distante, e também no sentido de ser menos conhecido pelo grande público, o auto, e o utilizar segundo sua própria origem e realidade, para fazer com que seja uma maneira de trazer conhecimento e informação às massas, para retratar a realidade sofrida de uma vida Severina.

Severino tem ciência que sua vida é fadada à sina, desde seu discurso de abertura, mas ele é levado ao ápice do desalento depois de escutar a conversa entre dois coveiros ao chegar a Recife, fazendo-o compreender que durante todo o trajeto era seu próprio enterro que ele seguia. Apesar de sempre reconhecer a presença da morte em todo seu percurso, o discurso presente na obra ainda deixa transparecer um certo tom de esperança perante a realidade, esperança esta totalmente depositada na chegada à cidade grande, onde promessas de uma vida melhor se concretizariam.

Na sua jornada ele depara com diversas formas de morte, em uma delas ele encontra amigos carregando um morto e escuta o que seus amigos falam sobre ele. Neste momento Cabral deixa ainda mais concreta a ideia de que essa Morte é, singularmente, Severina. O trabalhador de eito, assim como muitos outros severinos, finalmente poderá possuir tudo o que ele tanto almejou em vida, por meio da morte: um pedaço de chão. Como a poesia é uma máquina de comover, Cabral começa logo por empregar um discurso em segunda pessoa para evidenciar ao leitor o seu ponto de vista: o quão injusta é a situação Severina; um dos trechos mais tocantes é ressaltar que, ao morrer, ao trabalhador de eito, é dito: finalmente “tudo empreitas: / serás semente, adubo e colheita.” (2016, p.39).

Esse tom moralizante da constatação não aparece só em momentos específicos, mas sim em toda a obra. Cabral afirma que a morte tem um fundo ideológico, que ela é uma estratégia de dominação e manutenção da desigualdade social. Essa falta de recursos básicos para sobrevivência acaba denunciada pelo poema, as condições de exploração do trabalho e de miséria são responsáveis por obrigar o homem interiorano a realizar o êxodo, com a promessa de uma vida melhor, mas com a certeza da morte. Como bem disse Augusto Rodrigues Silva Júnior:

Quando se trata do nordestino, a morte é causada pelo próprio homem, principalmente, pela questão agrária, acirrada pelos latifundiários. Se não for por isso, a morte advém das doenças, da fome e da seca, em geral, fatores de

natureza socioeconômica, gerados pela desigualdade social. Os versos, então, tornam-se denunciativos e prenunciam o que virá: o confronto de Severino com a presença implacável da morte no percurso entre a Serra da costela e o Capibaribe.” (2019, p.294)

A existência do discurso da morte se torna, então, peça fundamental na questão da existência (ou não) de um ser, consigo e com os outros: esse diálogo levanta a relação do eu-outro. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2006), por meio dos seus estudos acerca das interações entre a linguagem e a morte, permitiu que houvesse uma aproximação dos recursos que trazem a impressão da verdade, através do social e do estético. Em seu trabalho intitulado *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade* releva um dos pontos mais importantes acerca do estudo do discurso da morte, o fato de que a morte é um não-ser, é um estar-no-outro (2006), ou seja, se você conta sua história a outra pessoa, você pode até morrer, mas sua história, sua representação em palavras, lhe mantém vivo no outro, é isso que Severino faz ao relatar sua história, ele se mantém vivo. O que fica evidenciado na Morte Severina, em que a personagem Severino representa toda uma população nordestina afetada de maneira injusta pela morte em decorrência das condicionantes de sua vida severina, precária, explorada. É justamente esse encontro cara a cara com a morte que faz com que o ser humano comece a imaginar novas existências que o levem à necessidade de narrar para não morrer, sendo “uma forma de burlar aquilo que é interdito pelo silêncio totalizante.” (Silva Júnior, 2014, p.3).

Este aspecto sempre é reforçado ao longo de todo o poema, visto que logo na primeira fala Severino se dirige diretamente ao público, ele relata sua vida severina, que é igual a todas as outras vidas severinas. Isto é a necessidade de realizar um diálogo como uma afronta, como uma forma de contornar a morte, por meio e através dela, sendo ela o começo, o meio e o fim dessa narrativa. Isto é realizado com frequência na obra, por meio de conversas realizadas com pessoas que Severino encontra durante sua retirada, como, por exemplo, ao se encontrar com dois homens que carregam por uma longa caminhada um falecido Severino Lavrador ao cemitério de Toritama. O mesmo discurso de morte se apresenta, ela é vista como um escape, ela é vista por estes dois homens como a solução final para todas as sinas severinas. Um deles afirma que “- Mais sorte tem o defunto, / irmão das almas, / pois já não fará na volta / a caminhada.” (2016, p.25).

A morte chega a ser onipresente; em todos os momentos pelos quais passa Severino ela parece se impor como uma personagem principal. Outro momento em que ela é retratada é logo após o encontro com o cortejo do Severino Lavrador. Então, o Severino retirante se depara com um enterro numa cidade, como ele já estava enfadado da caminhada e preocupado com a ausência do seu guia, o rio Capibaribe, considera permanecer na cidade e conseguir um emprego. Ele se apresenta como lavrador, arador, capaz de semear mandioca, pastoreador, e afirma ainda que é prendado na cozinha, mas a mulher com quem ele está falando o avisa que nenhuma dessas coisas se faz necessária naquelas bandas. Severino, então, diz que estes foram todos os ofícios que ele aprendeu na vida, e acrescenta: “Deseja mesmo saber / o que eu fazia por lá? / comer quando havia o quê / e, havendo ou não, trabalhar.” (2016, p.33). Ao que por fim a mulher afirma que nada disso importa e questiona se benditos sabe rezar, afinal, “como aqui a morte é tanta, / vivo da morte ajudar.” (p.33).

Mais uma vez Cabral deixa ainda mais claro que a poesia, essa pedra que está sendo encravada pelo autor-sujeito, possui uma história que tem como propósito expor a realidade dos sertanejos, na qual a morte faz questão de assolá-los ainda mais do que ao resto da população. Mas, esse trecho em específico acrescenta um ponto à discussão, o fato de que a morte se faz tão evidente que as pessoas já se parecem insensíveis quanto a sua presença; ela não parece mais ser algo a ser lamentando, algo que afeta as pessoas individualmente, muito pelo contrário, ela é a única certeza que essas pessoas têm na vida; ela é confiável, ao contrário da vida. Como disse a rezadeira, os roçados da morte são o único tipo de plantação que vale a pena se cultivar por aquelas bandas, afinal “recebe-se / na hora mesmo de semear.” (2016, p.36).

Ao chegar à Zona da Mata, Severino volta a considerar parar naquele local e fincar suas raízes, mas encontra, como já foi mencionado, o enterro de um trabalhador de oito. Assim como no momento anterior, a questão da religião se faz muito presente durante todo o poema. A ligação dessa poesia com a religião se torna ainda mais evidente nos últimos momentos do poema. Após mais um encontro com a morte por meio da conversa que Severino escuta entre os dois coveiros, ele sai no auge do seu desalento com a vida e já sem vontade mais de continuá-la. É justamente neste momento em que ele acaba por, finalmente, alcançar seu objetivo: alcançar o Capibaribe no litoral, até o seu encontro com o mar, entre algumas

palafitas do Recife. O rio, como guia de sua jornada, sua fonte de esperança, até o momento, se reverte/ transforma na maior esperança de todas, de ser o abraço final onde ele teria “caixão macio de lama / mortalha macia e líquida.” (2016, p.51).

No meio dessa crise, Severino considera de fato se entregar ao mar da miséria e ter seu descanso final, ele questiona ao Mestre Carpina, por meio de diversas analogias, se ainda vale a pena viver a vida Severina, que sempre precisa ser vencida e batalhada todos os dias (ao contrário de muitas outras). Mestre Carpina parece ser irredutível quanto à sua resolução de que, mesmo que ele tenha que comprar todos os dias sua “vida de retalhos”, que, segundo o mesmo, ainda assim é vida, portanto, vale a pena ser vivida. A discussão entre os dois, porém, em uma espécie de clímax do poema dramático, é interrompida por uma mulher que anuncia a chegada de um bebê ao mundo.

Logo mais pessoas se juntam para celebrar a chegada dessa vida, mesmo todos sempre afirmando que “minha pobreza tal é / que coisa não posso ofertar”, eles sempre ofertam presentes extremamente atenciosos e preciosos. O primeiro presente vem para celebrar a mãe e exaltar como a terra em que eles vivem, justamente pelo fato de se tratar de um manguezal, um lugar onde a vida se reova, é capaz de trazer meios de sustento e matar a fome, por meio dos caranguejos (que são o presente). Logo em seguida, uma mulher doa leite que dá aos seus próprios filhos, afinal todos ali são irmãos.

Há ainda uma percepção de que seria por meio da educação que poderia ocorrer uma mudança de vida, mas também entendem que, para alcançar tal feito é preciso dinheiro; “trago papel de jornal / para lhe servir de cobertor; / cobrindo-se assim de letras / um dia vai virar doutor.” (2016, p.58). Para reforçar a ideia do Belo na trama temos novamente o manguezal, que é um estuário de vida, reforça ainda mais o seu valor: “siris apanhados no lamaçal / que há no avesso da rua imperial. [...] Goiamuns dados pela gente pobre / da Avenida Sul e da Avenida Norte.”. (p.59).

Chegam ainda duas ciganas, que fazem premonições acerca do futuro da criança. A primeira fala que ele será, como diversos outros daquele local, pescador no meio do manguezal. Contudo a segunda cigana diz que ele irá lidar com algo mais limpo que lama dos mangues, irá ser homem de ofício e irá trabalhar numa fábrica, mas alerta a todos que estão escutando para não se preocuparem pois que nem tudo em sua vida é triste, ele irá “mudar-se destes mangues / daqui do Capibaribe / para um mocambo melhor / nos mangues do Beberibe.” (p.62).

Essa ideia de que, apesar de todos os pesares e das sinas de uma vida nascendo nessas condições menos favorecidas, é uma vida digna, se dá na penúltima parte em que “falam os vizinhos, amigos, pessoas que vieram com presentes, etc”. Neste momento eles reforçam que a formosura desta criança magra, franzina é justamente ser o resultado de um ventre de mulher, carregar a marca de homem, que

De sua formosura / deixai-me que diga: / é tão belo como um sim / numa sala negativa. [...] — Belo porque corrompe / com sangue novo a anemia. / — Infecciona a miséria / com vida nova e sadia. / — Com oásis, o deserto, / com ventos, a calmaria. (2016, p.63).

O recém-nascido é uma analogia para retratar o nascimento de Jesus, fazendo jus ao título original da obra “Auto de Natal Pernambucano”. Esta criança, assim como o menino Jesus, nasceu em ambiente desfavorecido, mas ambas trouxeram consigo a esperança de um futuro melhor. Elas foram os propulsores da vontade e esperança de mudar, elas carregam consigo um poder e uma influência tamanha que, mesmo os mais velhos e os mais afetados pelas vicissitudes de uma vida cheia de empecilhos, se enchem de energia.

O Mestre Carpina se volta, então, para falar com Severino, que estava se mantendo afastado, somente a observar, e ele retoma a pergunta feita por Severino: se, em vez de continuar, não seria melhor tomar a melhor saída: pular da ponte e da vida. Mestre Carpina confessa, então, que não lhe pode dar uma resposta, mas que a vida em si já respondeu, com sua própria presença viva:

E não há melhor resposta que o espetáculo da vida:/ vê-la desfiar seu fio,/ que também se chama vida,/ ver a fábrica que ela mesma,/ teimosamente, se fabrica,/ vê-la brotar como há pouco/ em nova vida explodida;/ mesmo quando é assim pequena/ a explosão, como a ocorrida;/ como a de há pouco, franzina;/ mesmo quando é a explosão/ de uma vida Severina. (2016, p.65).

Assim se encerra o poema dramático.

5. Considerações finais

Inicia-se este tópico do artigo, então, reafirmando que, a partir de como se 'encerra' o poema *Morte e vida severina*, o Belo é a vida. O belo é a junção de todos os aspectos de uma vida, o seu começo, o seu desenrolar e ainda o seu fim. A

beleza está aqui presente, não apesar das palafitas, apesar da paisagem seca, apesar do corpo desnutrido, mas sim através de tudo isso e, sobretudo, deste corpo, deste ser. Assim, fica explícita a ideia de que o conceito de belo sempre está ligado aos conceitos de uma determinada sociedade em determinado momento histórico, sendo por isso algo mutável. Mas uma associação que sempre se faz presente é ver o belo como algo bom e o conceito de feio como o ruim; contudo, Umberto Eco no livro *A história da feiura* (2004), ao fazer todo um traçado desde a época clássica até os dias atuais, busca entender o que é a feiura, ele afirma que normalmente o que consideramos como feio é o outro, ou seja, não podemos nos apegar de modo acrítico a estes conceitos, afinal eles são, além de tudo, subjetivos (p.72).

Dessa forma, Cabral trabalha a partir da ideia de que o que a sociedade considera feio na realidade é uma representação a qual toma forma daquilo que ela julga como algo ruim. A vida no sertão, a seca, os trabalhos considerados sujos - como caçar caranguejo no mangue, viver numa palafita - que são socialmente vistos como coisas ruins.

Contudo, Cabral mostra que é em conjunto com todos esses fatores que a vida Severina é bela, bela “porque é uma porta/ abrindo-se em mais saídas” (p.63). A explosão de uma vida Severina, a chegada de mais um Severino ao mundo é motivo de esperança e alento em meio a tantos desalentos, ele traz consigo infinitas possibilidades, andando lado a lado à morte Severina.

Assim, levando em consideração Silva Júnior; “Analisar um discurso sobre a morte é pensar sobre essa solidão do fim” (2014, p.3) a obra trabalha esse aspecto no ponto de que, mesmo sendo uma morte coletiva, no seu momento de maior desespero, Severino se considera só no mundo, ele se vê completamente impotente e desacreditado em qualquer possibilidade de melhora de sua situação, até o momento que o discurso da morte se torna num discurso de vida. Só então todos os conceitos se alinham, temos frente a frente a morte e a vida severina, o feio e o belo. Severino e todos os leitores, tomam conhecimento então, de que essas dicotomias, são opções de como enxergar o mundo.

Por isso, *Morte e Vida Severina* é uma obra que ainda tanto representa e é significativa tanto no cenário acadêmico quanto no popular. Devido à linguagem com que Cabral a escreveu, que permite que todos a entendam claramente, devido à forma (o gênero) escolhida, que é um poema fácil de ser recitado e decorado pelos espectadores ou mesmo leitores e por ser uma representação tão sincera de uma

minoria que não tem voz, mas que, devido ao caráter tão belo e empático da obra, impactou e continua a impactando. No final somos todos severinos em frente ao espetáculo da vida.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CARDEAL, Rafaela. Dar a ver: o olhar poético na obra de João Cabral de Melo Neto. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 25, p. 68-89, 2016.
- DE MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida severina (Edição especial): Auto de Natal pernambucano**. Alfaguara, 2016.
- DOS SANTOS, Yvisson Gomes. Considerações sobre o Belo através da Filosofia Nietzscheana: Uma Leitura de O Retrato de Dorian Gray. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 11, n. 2, 2013.
- ECO, H. **A História da Feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ETO, José Elias Pinheiro. Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 2, p. 322-340, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo**. São Paulo: Martins, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia ou o Helenismo e Pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PIMENTEL, Renata. O ESTADO MINERAL DA PALAVRA E A MÁQUINA POÉTICA DE COMOVER: UM PERCURSO PELO RIO JOÃO CABRAL DE MELO NETO. **Clarice lispector e João Cabral de Melo Neto: o centenário**, Miranda, p. 214-227, 2020
- QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. Mimetismo e recriação do imaginário medieval em Auto da Compadecida de Ariano Suassuna e em La Diestra de Dios Padre de Enrique Buenaventura. **Revista Brasileira de História**, v. 18, p. 77-104, 1998.
- SILVA, Rosângela Divina Santos Moraes da. **Rastros do Auto Medieval e Vicentino no Teatro do Nordeste Brasileiro**. 2020. Tese de Doutorado. 00500:: Universidade de Coimbra.
- SILVA JÚNIOR, Augusto Rodrigues da. Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas. **ComCiência**, n. 163, p. 0-0, 2014.